

A outra vida
de *Catherine M.*

CATHERINE MILLET

A
AGIR

A outra vida de Catherine M.

A outra vida de Catherine M.

Catherine Millet

TRADUÇÃO

Hortencia Santos Lencastre

A

AGIR

Título original
Jour de souffrance

Copyright © 2008, Flammarion
Copyright da tradução © 2009, Agir Editora Ltda.



Cet ouvrage, publié dans le cadre de l'Année de la France au Brésil et du Programme d'Aide à la Publication Carlos Drummond de Andrade, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères et Européennes. "França.Br 2009" l'Année de la France au Brésil (21 avril – 15 novembre) est organisée: en France, par le Commissariat général français, le Ministère des Affaires Etrangères et Européennes, le Ministère de la Culture et de la Communication et Culturesfrance; au Brésil, par le Commissariat général brésilien, le Ministère de la Culture et le Ministère des Relations Extérieures.

Este livro, publicado no âmbito do Ano da França no Brasil e do programa de auxílio à publicação Carlos Drummond de Andrade, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias. "França.Br 2009" Ano da França no Brasil (21 de abril a 15 de novembro) é organizado: na França, pelo Commissariado geral francês, pelo Ministério das Relações Exteriores e Europeias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance; no Brasil, pelo Commissariado geral brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores.

Capa
Rita da Costa Aguiar

Foto de capa
Marc Ohrem Le-Clef/Corbis/Latinstock

Copidesque
Nina Schipper

Revisão
Taís Monteiro
Taisa Fonseca

Produção editorial
Maíra Alves

Todos os direitos reservados à
AGIR EDITORA LTDA. – uma empresa Ediouro Publicações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – CEP 21042-235 – Bonsucesso – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Jour de souffrance:

“Baie qu'on peut ouvrir sur la propriété d'un voisin à condition de la garnir d'un châssis dormant.”

Le Robert. Dictionnaire historique de la langue française.

Chama-se *jour de souffrance* — “abertura tolerada”, no sentido literal, ou “dia de sofrimento”; por homonímia — uma janela que dá para a propriedade vizinha deixando passar a luz, mas cuja vidraça tem que ser fixa e opaca.

Sumário

- 9 Resumo
- 31 Sonhando acordada
- 57 O envelope escondido
- 69 Sarajevo, Cluj, Timisoara
- 93 C. desaparecida
- 103 Pulsão
- 151 O quarto azul
- 163 No umbral da porta
- 187 Na praia

Resumo

Se não acreditamos em predestinação, temos que admitir então que as circunstâncias de um encontro, que por comodidade atribuímos ao acaso, são, na verdade, o resultado de uma incalculável sequência de decisões tomadas em cada cruzamento de nossa vida e que, secretamente, nos levaram até ele. Não que tenhamos buscado, nem mesmo desejado, ainda que inconscientemente, todos os nossos encontros, até mesmo os mais importantes. O que acontece é que cada um de nós age como um artista ou um escritor que constrói sua obra numa sucessão de escolhas. Um gesto ou uma palavra não determina inelutavelmente o gesto ou a palavra seguinte; pelo contrário, coloca seu autor diante de uma nova escolha. Um pintor que colocou uma pincelada de vermelho pode escolher alongá-la, justapondo-lhe uma pincelada de roxo; pode escolher fazê-la vibrar com uma pincelada de verde. No final, por mais que ele tenha trabalhado com uma certa ideia do quadro pronto na cabeça, a soma de todas as decisões tomadas, sem que tenham sido previstas, fará surgir um outro resultado. É assim que vamos conduzindo nossa vida, num encadeamento de atos bem mais deliberados do que estamos prontos a admitir — porque assumir claramente toda essa responsabilidade seria um fardo muito pesado —, e que, no entanto,

nos colocam no caminho de pessoas em cuja direção não pensávamos já estar nos dirigindo há tanto tempo.

Como foi que a figura de Jacques entrou pela primeira vez no meu campo de visão? Seria incapaz de dizer. Já contei, em outra ocasião, que foi o som da sua voz num duplo eco de uma fita cassete (era uma gravação...) e do telefone (por meio do qual me faziam ouvir essa gravação) que tomou conta dos meus sentidos. Por outro lado, não conservei dele uma imagem que tivesse um lugar na minha memória, como tem sua epifania na minha vida. Fato curioso, pois sou uma pessoa dotada de excelente memória visual, mas não tenho bom ouvido. Talvez seja exatamente por esse ouvido não ser muito treinado que consegui destacar uma das raras vezes em que ele foi sensível, enquanto minha visão é muito solicitada e percebe facilmente tantos detalhes, às vezes aparentemente sem discernimento, que me comparo a essas pessoas que enlouquecem porque não podem separar e organizar os sinais visuais que lhes chegam do mundo exterior. Então, minha primeira imagem de Jacques é uma *Gestalt*, sua presença é como uma massa escura, densa, indissociável de um espaço mais claro, branco, ou melhor, creme, exíguo, limitado na profundidade — disso eu me lembro perfeitamente — por uma prancha fixada na parede, que servia de plano de trabalho, e por uma porta que dava acesso às salas.

É preciso dizer que éramos obrigados a nos concentrar numa página de catálogo em que havia um texto dele no qual tínhamos que corrigir à mão um erro de impressão. Trabalhamos durante várias horas, sentados lado a lado naquele lugar estreito. Revejo a página, o texto impresso em caracteres que imitavam os de uma máquina

de escrever. Revejo também, na casa do amigo aonde ele me levou para jantar, depois daquela cansativa tarefa, a cama que servia de sofá e onde a noite se prolongava; posso até me lembrar do rosto de um ou dois outros convidados. Mas o que distingue Jacques naquele momento continua sendo não a sua imagem, mas aquele gesto discreto que ele fez, aquele leve roçar do dorso do seu indicador no meu pulso. As circunstâncias dessa lembrança me permitem constatar um fenômeno que observei nos momentos de mobilização do prazer carnal: meu olhar parece mais interessado no que está em volta do que no próprio objeto do meu desejo. De fato, é um reflexo que todos em sociedade têm para disfarçar, e que acrescenta ao prazer do contato o da dissimulação: mergulhamos intensamente o olhar no olhar do interlocutor da direita para esconder melhor que o vizinho da esquerda nos acaricia a coxa sob a mesa. Mas não será também porque o estímulo de um sentido nos torna generosos e porque, na referida situação, enquanto minha pele experimentava a mão de um homem cuja doçura eu não conhecia, da qual não iria conhecer nenhum equivalente, meus olhos podiam perfeitamente se dirigir com curiosidade para seus amigos?

A imagem vai lentamente aparecendo no fundo do tanque de revelação das lembranças. Lembro-me sem hesitação da posição dos nossos corpos, no dia seguinte, na cama dele, enquanto uma exposição superficial de nossas pessoas sociais, como acontece com frequência nessas ocasiões, ia tomando o lugar da exposição precipitada de nossas pessoas físicas. Ainda sou capaz de avaliar o nível da claridade do dia no quarto, durante essa troca, e só nas lembranças mais tardias é que vejo sua silhueta se definir e se desenharem os traços do seu rosto.

Significativamente, nessas lembranças que remetem a uma época na qual nossa relação já estava estabelecida, regular, essa imagem não é uma visão focalizada, que poderia ser o desenho do seu rosto com a expressão de seus olhos ou de sua boca, mas, primeiramente, um plano geral: por exemplo, eu o vejo estacionando a moto na calçada em frente e observo, enquanto ele atravessa a rua, seu corpo que se destaca da massa oscilante dos outros transeuntes e se aproxima da calçada do café onde um grupo do qual faço parte está esperando por ele. Parece que é nesse momento que reparo no retângulo muito levemente alongado, bastante regular, da cabeça, que é ainda mais acentuado pelo corte bem curto dos cabelos e pelas discretas entradas. A essa geometria faz eco o tórax quadrado — os ombros, a cintura e os quadris parecem ter quase a mesma medida — acentuado pela camisa larga. Ou seja, para que seus traços se inscrevessem em mim foi preciso algum tempo e certo recuo, no sentido próprio, como fazem os pintores que trabalham à moda antiga e recuam alguns passos para apreciar melhor o tema do seu trabalho, nas suas relações de proporção com o ambiente e nos seus efeitos de contraste.

Não foi, portanto, como se um raio laser no lugar dos meus olhos transpassasse a névoa do mundo e imediatamente recortasse a figura de Jacques Henric. Por mais que tivesse conservado da minha infância o hábito de sonhar acordada, minha imaginação conhecia seu limite e jamais teria criado uma imagem ideal de homem para que eu a projetasse nos traços de qualquer um que encontrasse. Eu tinha 24 anos; nasci no subúrbio parisiense, num ambiente sem muito potencial e do qual tinha saído aos 18 anos tendo como única bagagem minhas leituras; precisava, então, ampliar o real e estava

excitada com a descoberta de novos ambientes sociais, enquanto outros, no mesmo instante, partiam com a mochila nas costas pelas estradas. Os mochileiros não colocaram logo as mochilas no chão. Da mesma forma, foi preciso que meu olho “fotografasse” bem os grupos, antes que nascesse o desejo de fazer um traço em volta de uma das cabeças que faziam parte deles. As fórmulas românticas não eram para mim; continuam não sendo e não direi nunca que reconheci Jacques entre mil pessoas; não, pelo contrário, foi preciso conhecer mil para saber que com ele se tratava de uma relação ancorada num sentimento de natureza e perenidade incomparáveis a outros. Assim como fazemos diante de um quadro que esconde uma anamorfose e que, à primeira vista, parece banal, apenas intrigante, buscando o ponto de vista exato a partir do qual faremos emergir, a partir de vários elementos dispersos, e graças às leis óticas, um objeto coerente que nos encantará, eu tinha primeiro que estabelecer minhas referências na vida para, depois de pegar aqui e ali diferentes visões de um homem, em circunstâncias que não o caracterizavam de modo específico, reuni-las e ver se desenhar na minha estrada o perfil daquele que me impressionaria como nenhum outro.

Da parte de Jacques, houve aquele gesto, tão pouco significativo, da leve carícia de seu dedo dobrado. Da minha parte, não me lembro de nenhum momento em particular. Depois do jantar, fomos à casa dele. Será que ele teve que ser mais explícito para que eu me sentisse convidada? Não tenho certeza. Era assim que eu vivia naquela época. Não guardei nenhuma lembrança do trajeto entre a casa do amigo em comum e o pequeno apartamento no qual Jacques morava. Por acaso os viajantes se interessam sempre pelo meio do seu percurso? Nesse meu projeto de lembrar, nestas primeiras

páginas, as condições do meu encontro com o homem com o qual compartilho minha vida, o ponto de partida da viagem, muito distante, é que me vem à memória. O começo vivo do movimento do qual o fato de acompanhar Jacques naquela noite é a onda longínqua: uma corrida através de um jardim, cujas circunstâncias foram as seguintes.

Eu era adolescente. Como disse, gostava de ler, mas era muito má aluna em matemática e me obrigavam a ter aulas particulares na casa de uma colega que tinha as mesmas dificuldades. Acontece que o rapaz que nos dava essas aulas escrevia poemas e havia até mesmo fundado, com um grupo de amigos, uma pequena revista. Quando chegou o dia da última aula, despedimo-nos na porta da casa onde morava a família da minha amiga. Desconfio que minha memória tenha exagerado o tempo que ele levou para seguir pela alameda do jardim até o portão, pois ainda hoje me parece que foi aí que vivenciei o primeiro grande dilema da minha vida. Um dilema dilata o tempo. É uma tortura que demora a desencavar da consciência argumentos contraditórios, examiná-los e voltar a uns e a outros para reforçá-los. Pela primeira vez, eu estava a ponto de dizer a alguém que compreenderia o significado vital disso que eu também escrevia; o sopro dessas palavras subia em mim e sua liberação tornava-se tão necessária quanto se, pelo contrário, eu tivesse que recomençar imperiosamente a respirar, depois de muito tempo em apneia. Eu era crédula, estava convencida de que um destino se realiza, como eu tinha lido, e como tinham talvez me ensinado, no encontro fortuito porém decisivo com alguém mais velho, numa palavra pronunciada por ele que seria profética; eu tinha na cabeça esse tipo de narrativa mítica da qual, muito mais tarde, a obra erudita e deliciosa

de Ernst Kris e Otto Kurz *Lenda, mito e magia na imagem do artista* me mostraria os elementos retóricos e sua recorrência através da história... Ao mesmo tempo, uma vergonha púbere me continha. Eu iria parecer ridícula aos olhos do rapaz e de minha amiga. Eles pensariam que eu havia imaginado esse estratagema para manter contato com ele: além de ser bom em matemática e poeta, ele era bonito. Segundo os preconceitos, julgariam que eu estava mais animada pelo desejo de sair com ele do que pelo amor à literatura. Ou, pior ainda, me tomariam por uma estudante apaixonada que acha chique se manifestar por meio de versos. É claro que eu sabia que esse meu interesse vinha de bem antes de conhecê-lo, e que o que eu escrevia não tinha ligação com sua pessoa, e sim provavelmente já existia em mim uma espécie de lucidez subliminar (aquela que surge muito cedo em quem deseja escrever — que antecede talvez esse tipo de desejo —, para que a pessoa aprenda a se colocar numa postura de testemunha, inclusive de si mesma) através da qual eu sentia que essa desconfiança também não era completamente infundada. Minha vontade de encontrar nos livros e nas obras de arte o acesso a um modo de vida que não era aquele oferecido pelas condições do meu meio familiar estava bem inculcada, mas uma clarividência nascente já me indicava o ponto no qual a sedução exercida pelo professor de matemática a corrompia insensivelmente. Pelo menos essa era a minha interpretação, naquela idade em que é importante ser fiel à pureza de suas aspirações.

Mas essa é também a idade na qual ainda sonhamos com o futuro, sonhamos a partir das oportunidades milagrosas que nosso imaginário reserva para ele, quando a vida ainda não teve tempo de nos ensinar que podemos orientá-lo em ocasiões menos perfeitas,

porém mais numerosas e mais diversas. Eu não acreditava que uma ocasião tão extraordinária pudesse se apresentar outra vez. Quando ele colocou a mão na maçaneta da porta de ferro, eu o chamei e corri até ele.

Tudo aconteceu como eu imaginara. Perguntei se podia revê-lo para lhe dar algumas coisas para ler. Ele marcou um encontro. Parecia atento e não manifestou surpresa. Tomei isso como uma leve impaciência, como se ele tivesse duvidado antes da minha atitude e, de maneira benevolente, estivesse me recriminando por tê-lo feito perder um pouco do seu tempo com a minha hesitação. Voltei até onde estava minha amiga, que também não manifestou surpresa, não fez nenhuma pergunta. Então, eu podia tomar, num curtíssimo lapso de tempo, à custa de um intenso debate interior, a decisão mais importante da minha vida, e ainda assim as pessoas à minha volta não ligavam para isso? Será que tinha passado despercebido? Ou teria sido porque sempre me ouviam bancando a interessante, apresentando ideias originais, absurdas, ou porque eu tinha a mania de enfeitar as histórias, e já haviam me colocado na categoria dos seres exóticos, nessa espécie de antessala entre a sociedade familiar e a dos artistas? Essa ausência de reação me deixou intrigada. Ela veio alimentar meu questionamento sobre o papel que eu desempenharia na sociedade e que eu tentava vagamente esboçar, e o olhar que os outros teriam sobre ele.

Algumas pessoas que escrevem obras de ficção ou de reflexão talvez tenham sido levadas a esse trabalho por puro amor pelos livros. Não é o meu caso. Em mim, esse amor nunca foi absoluto. Está misturado com o desejo de viver num mundo diferente do meio de

origem que alimentou meu organismo, e cuja única extensão poderia ser medida pelo tamanho da mesa dobrável da sala de jantar, aberta para minha primeira comunhão e para a do meu irmão, e também por ocasião de algumas reuniões de fim de ano, e de alguns aniversários — tendo em volta as conversas adaptadas ao evento. Eu não zombaria desse clichê: o poder de evasão da literatura. A rua Philippe-de-Metz, em Bois-Colombes, onde nasci, onde passei minha infância e minha adolescência, tem a estranha configuração de uma fortaleza retilínea, no meio de um subúrbio onde predominam as casas. Curta, estreita, ela é composta de altos e sólidos edifícios de tijolos, quase idênticos. Por sorte, o segundo apartamento em que moramos ficava no sétimo e último andar, e eu lia perto de uma janela que dava para uma área sem nenhuma janela em frente. A fuga para outros territórios e outras épocas passa pela habilidade de adotar a mobilidade dos heróis e, às vezes, dos autores. O que eu captava dos meios artísticos e literários, no nível do meu sétimo andar, passava por *Lecture pour tous* e *Paris Match*,* e um dos modelos contemporâneos aos quais eu tinha acesso era Françoise Sagan, escritora jovem e famosa, que se parecia com seus personagens, conduzia carros esportivos, e que eu tinha visto um dia na televisão explicando, durante uma entrevista, como era possível, numa reunião mundana noturna, dissimular um bocejo bebendo um gole de uísque ou dando uma baforada no cigarro.

Nunca saí com o poeta que, na verdade, dava aulas de matemática, porque era casado e pai de uma garotinha. Mas o revi algumas vezes: nos encontrávamos num café e, sempre com a mesma atenção

* Revistas populares de literatura e variedades. (N. da T.)

ligeiramente distante, ele lia o que eu lhe mostrava, dava pequenos conselhos, fazia comentários. Um dia em que teve outro compromisso, ou preferiu dar essa explicação, mandou um amigo para desculpá-lo. Talvez a segunda decisão importante da minha vida tenha sido aceitar o convite desse último, mas dessa vez ignorando as consequências. O amigo não era nem bonito nem poeta, mas era livre. Do grupo da revista de poesia que fazia parte, ele era o mais liberal em relação às obrigações universitárias e familiares, e tinha independência financeira. Era um rapaz empreendedor: seu papel no grupo era levar os exemplares às livrarias e recolher o dinheiro das vendas. Quando foi decidido que a atividade da revista seria ampliada com uma galeria de arte, Claude foi naturalmente designado como o mais disponível e o mais apto a cuidar disso. A revista parou de ser editada, mas a galeria foi se desenvolvendo. Foi lá que passei algumas horas corrigindo o catálogo em companhia de Jacques. Eu vivia com Claude havia quatro anos e meio.


O álbum de imagens da nossa memória se organiza segundo uma ordem, proporções e recorrências que muitas vezes nos surpreendem, e às vezes são ambíguas em relação à narrativa que construímos de nossa vida. A silhueta de Claude, do jeito que ela se apresentou ao meu olhar pela primeira vez, é claramente mais definida do que a de Jacques. Sua postura é um pouco empertigada, quase solene, e, apesar de vê-lo contra a luz, posso distinguir sua expressão enquanto ele se apresenta: “Você não me conhece, sou um amigo de Patrick que...” Seu olhar me percorre. Ele me vê sob uma luz forte, dourada, pois estamos na primavera, que entra por uma vidraça que ocupa toda a altura da parede ao lado da escada. Claude tem um carro e pode resolver, se tiver vontade,

ir de noite até a costa. Foi numa dessas escapadas que perdi minha virgindade. Durante os primeiros anos que passamos juntos, Claude dirigiu muito: íamos até a Bienal de Veneza, a Documenta, em Cassel, a Prospect, em Düsseldorf. Havia exposições em toda a Europa: em Berlim, em Colônia, em Roma, em Turim, em Nápoles, íamos ver uma exposição na Wide White Space Gallery, em Anvers, ou na galeria de Konrad Fischer, em Düsseldorf. Em 1972, Claude abriu uma segunda galeria, em Milão, aonde eu o acompanhava quase sempre, porque colaborava com a revista *Flash Art*, cujo diretor era um daqueles amigos-amantes com os quais eu tinha ligações sólidas naquela época. Eu gostava de viver entre duas cidades como gostava de ir de um homem para o outro.

A terceira decisão foi um compromisso firmado por longo tempo, mesmo que num primeiro momento possa ter sido improvisado, ou semelhante a um desafio escolhido ao acaso. Como uma leve camada de resíduos trazida à superfície porque mexemos no fundo da água parada por muito tempo, foi uma palavrinha à toa, como aquela que pronunciamos sem pensar, mas que depois de superar muita inibição vem à tona, e que diz respeito a um detalhe prosaico e cotidiano, mas que vai decidir nossa vida. Fui viver com Claude antes de ter tido tempo de fazer meus exames de conclusão de curso. A autonomia moral que é conferida pelas primeiras relações sexuais e também as incursões num modo de vida no qual, eu estava descobrindo, o dia seguinte podia ser improvisado tinham me afastado, por contingência e simultaneamente, da disciplina familiar e escolar. É claro que minha mãe se mostrava preocupada com a maneira como eu ia ganhar a vida. Num dia em que fui à rua

Philippe-de-Metz para pegar um pote de plástico ou talvez algumas roupas limpas, respondi-lhe espontaneamente, sem nunca ter pensado nisso antes, apenas porque achei que isso podia momentaneamente satisfazê-la, que ia escrever artigos de arte para revistas. Ela fingiu acreditar. Eu sabia muito bem que isso não podia dar muito dinheiro, no entanto, e sem ter previsto, senti-me compromissada com essa resposta, empolgada com a minha audácia. Pela primeira vez, eu evocava minha vontade de escrever diante de alguém que não fossem os jovens idealistas que publicavam uma revista de poesia de circulação restrita, e iria até mesmo ultrapassar esse círculo restrito ao inscrever essa vontade numa perspectiva social: aquela seria minha profissão. Aquilo que deveria ser apenas uma palavra para tranquilizar uma mãe preocupada, e deixar a filha partir sossegada, louca para ir ao encontro do jovem amante, traduzia um desejo talvez tão forte quanto aquele que empurrava essa filha para seu amante, e que estivera escondido, porque era bem mais enigmático, mais difícil de explicar. Alguns anos antes, para me reconfortar, eu havia copiado uma frase de Balzac: “Nada forja mais um caráter do que uma dissimulação constante no seio da família.” O que eu dissimulava então eram exatamente as cadernetas nas quais eu anotava citações, poemas de minha autoria, esboços de romances. A partir daquele momento, escrever não seria mais uma atividade secreta, quase vergonhosa, e sim assumida aos olhos de todos, e não apenas como normal, mas melhor ainda, como curiosa e original. Quando me perguntassem o que eu era, responderia: “Crítica de arte.” Isso causaria surpresa e me deixariam em paz.

Quando a galeria inaugurou, Claude foi à redação do semanário dirigido por Aragon, *Les lettres françaises*, para se apresentar, e



“Jacques me ligou e evidentemente foi mais fácil dizer ao telefone que eu tinha aberto seu diário íntimo. Imagino que ele percebeu a que ponto eu estava perturbada porque, em vez de se dizer chocado ou magoado com a minha indiscrição, falou cautelosamente. Foi o som dessa voz pausada que me forneceu, naquele momento, a maior segurança. Mas eu devia ter descoberto pouca coisa porque, quando ele me prometeu que na volta explicaria os casos que tivera com cinco ou seis mulheres, minha agonia aumentou. Eu não havia identificado tantas.”

França.Br

2009

ISBN 978-85-22008-42-1



9 788522 008421